

A black and white portrait of J. C. Ryle, an elderly man with a long, full white beard and mustache, looking slightly to the right. The portrait is set against a dark background.

ELEIÇÃO

J. C. Ryle

Projeto
Ryle

ANUNCIANDO A VERDADE EVANGÉLICA

Eleição

J. C. Ryle

Eleição

Tratado escrito por
J.C.Ryle

“Sabendo, amados irmãos, que a vossa eleição é de Deus” I Ts 1: 4.

“Portanto, irmãos, procurai fazer cada vez mais firme a vossa vocação e eleição” 2 Pe 1: 10.

Os versículos que encabeçam esse tratado possuem uma palavra muito peculiar. Essa palavra permeia a mente e a língua humana, de uma costa a outra da Grã Bretanha. Esta palavra é “eleição”.

São poucos os ingleses que desconhecem a ideia geral de eleição ao Parlamento. São muitos os infortúnios que surgem em tempos como esses e paixões iníquas são evocadas. Disputas antigas são desenterradas e outras mais são criadas; promessas são feitas apenas para serem quebradas; declarações falsas, mentiras, entorpecimento, intimidação, opressão e bajulação abundam em todos os lados. Em nenhum outro momento o ser humana faz um papel tão ridículo de si mesmo quanto nas eleições!

No entanto, só é justo olhar para todos os lados de uma eleição no tocante ao Parlamento. Não há nada de novo, ou particularmente britânico, em seus danos. Em todas as eras, em todas as partes do mundo, o coração do homem é praticamente o mesmo. Nunca faltaram homens prontos a convencer outros de que estes não eram bem governados e que esses eram os reguladores mais aptos a governar.¹ Mil anos antes de Cristo nascer, essa situação foi descrita pelo Espírito Santo:

¹ Preste atenção na seguinte passagem, escrita por um homem sensato e criterioso – Bispo Hooker. É a passagem de abertura de seu primeiro livro "Política Eclesiástica".

“Aquele que tenta convencer uma multidão de que ela não está sendo governada do jeito que deveria ser, não deve, nunca, ansiar por ouvintes atentos e encorajadores, porque eles conhecem as várias imperfeições existentes nos diversos tipos de regimentos e governos e, por isso, não costumam considerar os obstáculos e as dificuldades, que são inumeráveis e inevitáveis em procedimentos públicos. Pelo fato de muitas reprovações claras contra o estado serem levadas a políticos simpatizantes do bem comum e a homens que carregam uma genuína liberdade de pensamento, então, através desse disfarce, tudo o que divulgarem será aceito como válido. Aquilo que falta no peso de seus discursos é suprido pela inteligência da mente humana em aceitá-los e neles acreditar. De outro lado, se mantivermos o que já está estabelecido, teremos não apenas que lutar contra uma série de preconceitos profundamente arraigados no coração humano, que pensa que estamos aqui para servir e falar em favor do estado presente, seja por querermos ou por buscarmos primazias; mas também teremos que lutar para suportar acolhimentos frios, visto que mentes desviadas normalmente se afastam daquilo que são contrários”.

“Levantando-se Absalão pela manhã, parava à entrada da porta; e a todo homem que tinha alguma demanda para vir ao rei a juízo, chamava Absalão a si e lhe dizia: De que cidade és tu? Ele respondia: De tal tribo de Israel é teu servo. Então, Absalão lhe dizia: Olha a tua causa é boa e reta, porém não tens quem te ouça da parte do rei. Dizia mais Absalão: Ah! Quem me dera ser juiz na terra, para que viesse a mim todo homem que tivesse demanda ou questão, para que lhe fizesse justiça! Também, quando alguém se chegava para inclinar-se diante dele, ele estendia a mão, pegava-o e o beijava.” (2 Sm 15:2-5).

Quando lemos essa passagem, devemos aprender a não julgar nossos tempos com tanta dureza. As maldades que vemos não são novidade alguma.

Fora isso, não devemos esquecer que uma eleição popular, mesmo com todos os seus problemas, ainda é bem melhor do que um governo absoluto. Viver sob domínio de um tirano, que não permite que ninguém pense, fale ou aja como melhor lhe aprouver, é como ser um escravo miserável. Pelo amor à liberdade, devemos aturar todas essas maldades que acompanham o retorno dos membros do Parlamento. Devemos fazer nossos deveres de forma consciente e não esperar muito de partido algum. Se os que apoiamos ganharem, não devemos pensar que tudo o que farão será o correto. Se os que não apoiamos ganharem, não devemos pensar que tudo o que farão será o errado. Eis um segredo para se chegar ao contentamento: não esperar muito de nenhum legislador aqui na terra. Entretanto, um dos grandes deveres do cristão é orar por nossas autoridades e julgar todas as suas ações com misericórdia.

Contudo, há outra eleição, muito mais importante do que qualquer eleição parlamentar. Uma eleição cujas consequências subsistirão, mesmo depois que rainhas, reis e camponeses morrerem. Uma eleição que diz respeito a todas as classes, da mais baixa a mais alta, a mulheres e a homens. Essa eleição é a que as escrituras chamam de “Eleição de Deus”.

Peço aos leitores desse texto que me deem sua atenção por alguns minutos, enquanto colocarei diante de vocês os tópicos dessa eleição. Acredite, ela afeta profundamente sua felicidade eterna. Se você está no Parlamento ou não, vota ou não, vence ou não, tudo isso será insignificante daqui a cem anos. O que importará realmente é se você está na lista dos eleitos de Deus.

Quanto à questão da Eleição, há apenas dois pontos que gostaria de tratar.

I. Primeiro, *explicarei a doutrina da eleição e o que ela é.*

II. Segundo, *defenderei a eleição com prudência e protegê-la-ei contra abusos.*

Se conseguir esclarecer esses dois pontos na mente de todos os que lerem essas páginas, então terei feito um serviço enorme às suas almas.

I. Primeiro devo explicar a doutrina da eleição. *O que é? O que isso significa?* É muito importante que, nesses pontos, as respostas sejam bem claras. Talvez nenhuma doutrina bíblica tenha sofrido tanto dano devido a ideias erradas de inimigos e descrições incorretas de amigos quanto essa que foi agora posta diante de nós.

A verdadeira doutrina da eleição é a seguinte. Deus se agradou em escolher alguns homens e mulheres para serem salvos por Jesus Cristo, através seu conselho, que nos é secreto. Ninguém é salvo, a não ser aqueles que são escolhidos. Por essa razão, as escrituras chamam o povo de Deus, em várias passagens, de "eleitos de Deus" e a escolha dessas pessoas para a vida eterna de "eleição de Deus".

Esses homens e mulheres escolhidos por Deus para toda a eternidade são chamados pelo Espírito Santo, no tempo devido. Ele os convence do pecado. Ele os guia a Cristo. Ele trabalha para que se arrependam e tenham fé. Ele os converte, renova e santifica. Ele os mantém, pela sua graça, de cair na perdição e, finalmente, traz a todos para a glória, salvos. Resumindo, a eleição de Deus é o primeiro elo na salvação do pecador, cujo fim é a glória celeste. Portanto, ninguém se arrepende, crê e nasce de novo, a não ser os eleitos. A causa principal e original para que um santo seja da forma que é, é justamente a eleição de Deus.

A doutrina aqui relatada, sem dúvida alguma, é particularmente intensa, misteriosa e difícil de ser compreendida. Nossos olhos não são capazes de vê-la por completo. Não temos uma direção pela qual possamos sondá-la inteiramente. Nenhuma parte da religião cristã foi tão disputada, rejeitada e insultada quanto essa. Nenhuma fez surgir tanta aversão a Deus, que é a principal marca da mente carnal. Milhares dos chamados cristãos dizem crer na redenção, na salvação pela graça, na justificação pela fé, mas, mesmo assim, recusam-se a crer na doutrina da eleição. Apenas mencionar essa palavra já é o suficiente para incitar nas pessoas expressões de raiva, mau humor e aflição.

Mas, no final das contas, a doutrina da eleição é claramente expressa nas escrituras? Essa é a grande pergunta que deve ser feita por um cristão honesto. Se ela não estiver na Palavra de Deus, então que seja descartada, recusada e rejeitada pelo homem, não importa quem a apresente. Se estiver lá, então que a recebamos com reverência, como parte da revelação divina, e crer humildemente, mesmo que não te-

nhamos capacidade de entendê-la por completo ou explicá-la claramente. O que, então, está escrito na Bíblia? *“À lei e ao testemunho! Se eles não falarem desta maneira, jamais verão a alva”* (Is 8: 20). A eleição está na Bíblia ou não? A Bíblia fala sobre certas pessoas como sendo eleitas de Deus ou não?

Veja o que nosso Senhor Jesus Cristo falou: *“mas, por causa dos escolhidos, tais dias serão abreviados”* (Mt 24:22), *“para enganar, se possível, os próprios eleitos”* (Mc 8:22), *“E ele enviará os seus anjos, com grande clangor de trombeta, os quais reunirão os seus escolhidos”* (Mt 24:31), *“Não fará Deus justiça aos seus escolhidos?”* (Lc 18:7). Veja o que São Paulo diz, *“Porquanto aos que de antemão conheceu, também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho, a fim de que ele seja o primogênito entre muitos irmãos. E aos que predestinou, a esses também chamou; e aos que chamou, a esses também justificou; e aos que justificou, a esses também glorificou.”* (Rm 8:29,30), *“Quem tentará acusação contra os eleitos de Deus?”* (Rm 8:33), *“assim como nos escolheu, nele, antes da fundação do mundo”* (Ef 1:4), *“que nos salvou e nos chamou com santa vocação; não segundo as nossas obras, mas conforme a sua própria determinação e graça que nos foi dada em Cristo Jesus, antes dos tempos eternos”* (2 Tm 1:9), *“porque Deus vos escolheu desde o princípio para a salvação, pela santificação do Espírito e fé na verdade”* (2 Ts 2:13). Veja o que São Pedro diz, *“eleitos, segundo a presciência de Deus Pai, em santificação do Espírito, para a obediência e a aspersion do sangue de Jesus Cristo”* (I Pe 1: 2), *“Por isso, irmãos, procurai, com diligência cada vez maior, confirmar a vossa vocação e eleição”* (2 Pe 1: 10).

Coloco esses onze versículos diante dos meus leitores e peço que os considerem. Se palavras tem algum significado, então fica óbvio que elas ensinam claramente a doutrina da eleição. Diante desses versos, não ousou dizer que a doutrina da eleição é anti-bíblica. Não ousou, por ser um homem honesto, fechar meus olhos para o sentido claro e óbvio da linguagem das Escrituras. Se fizesse isso, não teria mais condições de permanecer aqui, pressionando o evangelho no homem descrente. Não poderia esperar que ele acreditasse na veracidade de nenhum outro texto, se eu mesmo não acreditasse que esses onze textos citados acima não provassem com clareza que a eleição é uma doutrina bíblica. Portanto, por mais difícil que seja, devo recebê-la e tão somente crer nela. Dessa forma, peço aos meus leitores que leiam esses textos calmamente, pesem-nos com seriedade e recebam-nos como uma verdade de Deus.

Não importa o que as pessoas falem sobre esse assunto, a eleição ocorre de fato e não há como negá-la. Nenhum cristão pode negar o fato de que nem todos os cristãos professos serão salvos e que os que o são, devem sua salvação inteiramente à graça de Deus e ao chamado do Espírito Santo, e tampouco podem explicar o porquê de alguns

serem chamados à salvação, enquanto outros, não. Portanto, o que tudo isso mostra, senão a veracidade da doutrina da eleição?

Visões de natureza humanas, estando corretas, nos levarão a essa mesma conclusão. Uma vez que você admite que estamos mortos em nossos delitos e pecados e não temos poder algum de nos virarmos para Deus, que toda a vida espiritual no coração humano deve começar com Deus, que aquele que criou o mundo dizendo “haja luz” deve também brilhar no coração do homem e criar luz nele, que Deus não ilumina todos os cristão professos, mas apenas alguns, e que ele age como um soberano, sem precisar prestar contas com ninguém; uma vez que você admite tudo isso, então você pode ver em que pé está. Caso tenha percebido, ao admitir isso, você admite também toda a doutrina da eleição!

Visões corretas da natureza e do caráter de Deus, como revelados na Bíblia, trazem-nos a essa posição. Nós acreditamos que Deus sabe todas as coisas, que ele governa tudo conforme sua providência e que nem mesmo um esquilo cai na terra, sem que ele permita. Acreditamos que ele trabalha toda a sua obra com um plano, como um arquiteto de conhecimento perfeito, e que nada concernente a seus santos é deixado ao acaso, a coincidências e à sorte. Se nós acreditamos nisso, então acreditamos na doutrina que esse papel apoia. Essa doutrina é a da eleição.

Agora, o que pode ser dito em resposta a tudo isso? Quais são as principais armas de argumentação com as quais a eleição é atacada? Vejamos.

Alguns nos dizem que *não há nada nas escrituras que podemos chamar de eleição*. Eles dizem que se ela existisse, então seria algo arbitrário, injusto, desleal, parcial e rude. A única eleição que eles admitem é a de nações, igrejas, comunidades, como Israel nos tempos antigos e nações cristãs, comparadas a nações pagãs nos dias de hoje. Existe algo nessa objeção que a favoreça? Não, não há, porque a eleição pregada nas escrituras é uma eleição prestada pela influência santificadora do Espírito Santo. Certamente essa não é a eleição de nações. Paulo mostra uma distinção clara e áspera entre o próprio Israel e a eleição. *“O que Israel busca, isso não conseguiu; mas a eleição o alcançou”* (Rm 11: 7). Por último, os que advogam pela teoria da eleição de nações não ganham nada por ela. Como eles explicam o fato de Deus ter impedido que o cristianismo chegasse a 350 milhões de chineses por cerca de 1800 anos, mas espalhou-o por todo o continente europeu? Eles não conseguem explicar, a não ser que confessem a vontade soberana de Deus e sua eleição! Portanto, podemos dizer que eles são obrigados a tomar a mesma posição que nos culpam por defender e ainda julgam como arbitrária e fria.

Alguns dizem que a eleição não é, por hipótese alguma, uma doutrina na Igreja da Inglaterra. Essa doutrina pode combinar muito bem com hereges e presbiterianos, mas não com seus membros. “Isso é mero calvinismo”, alguns dizem, “uma noção extravagante que veio de Genebra e não merece crédito algum entre os que amam o Livro de Oração Comum”. Essas pessoas fariam um bem enorme a elas mesmas se pegassem seus livros de Oração Comum e lessem os 39 Artigos da Religião. Depois disso, poderiam voltar para o 17º Artigo e ler o seguinte: *“A predestinação para a vida é o eterno propósito de Deus, pelo qual – antes de lançados os fundamentos do mundo – tem constantemente decretado por Seu conselho, a nós oculto, livrar da maldição e condenação os que elegeu em Cristo dentre o gênero humano, e conduzi-los por Cristo à salvação eterna, como vasos feitos para a honra. Por isso os que se acham dotados de um tão excelente benefício de Deus, são chamados segundo o propósito de Deus, por seu Espírito operando em tempo devido; pela graça obedecem à vocação; são justificados gratuitamente; são feitos filhos de Deus por adoção; são criados conforme a imagem de Seu Unigênito Filho Jesus Cristo; vivem religiosamente em boas obras e, enfim, chegam, pela misericórdia de Deus, à felicidade eterna”*.

Recomendo que os cristãos deem a devida atenção a esse artigo. Ele é um dos essenciais à sã doutrina nos dias de hoje e jamais poderá ser conciliado com a regeneração batismal. Comentários sobre a doutrina da eleição não foram escritos por um homem não inspirado. Eles são bem equilibrados e judicialmente proporcionados. Ao ler esse artigo, é simplesmente ridículo dizer que a Igreja da Inglaterra não apóia a doutrina aqui defendida.

Em assuntos controversos, tento falar de forma cortês e cuidadosa. Gostaria de levar em consideração tanto as opiniões variadas de cristãos, que afetam insensivelmente nossas opiniões religiosas, quanto os efeitos permanentes causados por certos preconceitos. Sei que Wesley, Fletcher e muitos Metodistas e Arminianos sempre negaram a eleição e muitos a negam até os dias de hoje. Não afirmo que defender a doutrina da eleição seja algo absolutamente necessário para a salvação, entretanto, ser um dos eleitos de Deus é, sim, necessário. Não posso chamar homem algum de mestre no tocante a questões teológicas, mas meus próprios olhos veem a doutrina da eleição claramente expostas tanto nas escrituras quando no 17º Artigo da Igreja da Inglaterra. Não posso desistir. Acredito firmemente que essa doutrina seja uma parte importante da verdade de Deus e, para os eleitos, é “um doce, suave e inexplicável conforto”.

II. Nesse segundo ponto, defenderei a eleição com prudência e protegê-la-ei contra abusos.

Considero essa parte do texto de grande importância. Toda a verdade revelada está sujeita a ser deixada de lado e pervertida. Um dos principais objetivos do diabo é fazer com que os homens distorçam o evangelho, a fim de transformá-lo em algo odioso. É provável que nenhuma área teológica tenha sofrido tantos danos nesse sentido quanto a doutrina da eleição. Deixe-me explicar.

“Não sou um dos eleitos de Deus”, diz um homem. “Não é útil que eu faça algo na religião. É perda de tempo manter o dia do Domingo, participar dos cultos em adoração a Deus, ler a Bíblia e orar. Se eu for eleito, então serei salvo. Se devo ir ao inferno, então irei. Enquanto isso, ficarei parado e esperarei”. Essa é uma séria doença da alma, mas temo que seja bem comum.

“Sou um dos eleitos de Deus”, diz outro homem. “Tenho certeza de que sou salvo e irei para o céu, não importa a forma com que levar minha vida. Exortações à santidade são lícitas. Recomendações para vigiar a si mesmo e crucificar-se a si mesmo estão entrelaçadas. Mesmo que eu caia, Deus não verá em mim pecado algum e me amará do mesmo jeito. Apesar de ceder com frequência à tentação, Deus não permitirá que eu me perca. Onde está a serventia das dúvidas, dos temores e da ansiedade? Estou confiante de que sou um eleito e, como tal, serei encontrado em glória”. Isso, digo novamente, é uma doença séria, mas minha preocupação é por não achá-la incomum.

O que deve ser dito a homens que falam dessa forma? Eles precisam ser exortados claramente de que estão desvirtuando a verdade bíblica e transformando o que é carne em veneno. Eles precisam ser lembrados de que suas noções sobre eleição não são escriturais. A eleição, conforme a Bíblia, é bem diferente do que eles supõem. Ela está conectada a outras verdades de igual importância e elas nunca devem ser separadas. O homem não deve sequer pensar em separar as verdades que Deus uniu.

(a) Primeiro, a doutrina da eleição nunca teve o intuito de destruir a *responsabilidade do homem* quanto ao estado de sua alma. A Bíblia sempre se refere ao homem como um agente livre, como alguém que deve prestar contas com Deus, e não como meros seres inanimados. Não é uma atividade inútil pedir aos homens que parem de fazer maldades, que aprendam a praticar boas obras, que se arrependam, que se voltem a Deus e que orem. Em todos os lugares das Escrituras vemos que o homem pode perder sua alma, que a culpa é unicamente dele, caso seu destino seja o inferno e que seu sangue estará em suas próprias mãos. A mesma Bíblia que revela a doutrina da eleição, contém as palavras “*Por que razão morreríeis, ó casa de Israel?*”, “*E não quereis vir a mim para terdes vida*”, “*E a condenação é esta: que a luz veio ao mundo, e os homens amaram mais as trevas do que a luz, porque as suas obras eram más*” (Ez 18:31, Jo 5:40, Jo 3:19). A Bíblia

nunca disse que pecadores não vão para o céu por não serem eleitos, mas porque *“não atentaram a uma tão grande salvação”* e porque não se arrependeram e creram. O julgamento final provará que não é a eleição que arruína as almas perdidas, mas a preguiça, o amor ao pecado, a descrença e a relutância em seguir a Cristo.

(b) Segundo, a doutrina da eleição nunca teve a intenção de prevenir a salvação de pecador algum. Ao pregar e realizar boas obras, estamos cumprindo a ordenança de abrir a porta do evangelho a todos os homens, mulheres e crianças e convidando-os a entrar por ela. Não sabemos quem são os eleitos de Deus e quem ele quer converter. Nosso dever é convidar a todos, sem nenhuma exceção. Devemos dizer *“Acorde, arrependa-se, acredite, venha a Cristo, converta-se, clame a Deus, lute para entrar pela porta estreita, venha, porque tudo já foi consumado e Deus o ama, Cristo morreu por você”*. Dizer que ninguém escutará ou será salvo, a não ser os eleitos de Deus, é um tanto quanto desnecessário. Sabemos que isso é óbvio, mas é um absurdo usarmos isso como desculpa para não pregar o evangelho. Quem somos nós, para agirmos como se soubéssemos quem são os eleitos de Deus? Não somos ninguém! Esses que parecem ser os primeiros, podem ser os últimos, assim como os últimos podem ser os primeiros no dia do julgamento. Nós convidaremos a todos, acreditando que esse convite será aceito por alguns. Profetizaremos até aos mortos, se Deus assim nos ordenar. Ofereceremos vida a todos, mesmo que muitos rejeitem essa oferta. Fazendo isso, estaremos seguindo os mesmos passos de nosso Mestre e seus apóstolos.

(c) Terceiro, a eleição é conhecida pelos seus frutos. O eleito de Deus só pode ser distinguido dos que não são eleitos, através de sua fé e vida. Não temos como descobrir os planos eternos de Deus. Não podemos ler o livro da vida. Os frutos do Espírito, vistos e manifestados na conversão do homem, são o único meio pelo qual podemos assegurar quem são os eleitos de Deus. Onde pudermos ver as marcas dos eleitos, podemos dizer com segurança *“esse é um eleito”*. Como podemos saber se há um capitão ou timoneiro num navio muito distante de nós? Mesmo com um telescópio, tudo o que posso discernir são seus mastros e suas velas. Ainda assim, vejo que o navio se movendo numa direção reta. Isso é suficiente para mim. Através disso, sei que há alguém a bordo, guiando, mesmo que não o veja. A eleição de Deus é da mesma forma. Não podemos ver a ordenação, mas os resultados que vem por meio dela não ficam escondidos. Foi quando são Paulo lembrou do amor, da fé e da esperança dos tessalonicenses que ele falou: sei *“que a vossa eleição é de Deus;”* (I Ts 1). Agarremos firmemente esse princípio e consideremos o que foi posto diante de nós. Chamar alguém que vive em pecado de eleito não passa de asneira e blasfêmia. A Bíblia não conhece eleição alguma, senão aquela através da *“santificação”*; nenhuma escolha eterna, senão que devemos ser *“santos”*; nenhuma predestinação, exceto sermos *“conformes a ima-*

gem de Seu Filho”. Quando essas características estão em falta, então é perda de tempo discutir sobre eleição. (I Pe 1:2, Ef 1:4, Rm 8:29).

(d) Por último, a eleição nunca teve a intenção de impedir o homem de usar diligentemente todos os recursos da graça. Pelo contrário, a negligência desses recursos é um sintoma suspeito e deveria nos deixar duvidosos quanto ao estado da alma do homem. Aqueles que são atraídos pelo Espírito Santo, também se atraem pela Palavra de Deus e pela oração. Quando a graça de Deus está verdadeiramente em nossos corações, então sempre haverá amor aos meios da graça. O que dizem as escrituras? Os cristãos de Roma, para quem o apóstolo Paulo escreveu sobre presciência e predestinação, são os mesmos a quem ele diz, "perseverai na oração." (Rm 12:12). Aos efésios, que foram “eleitos antes da fundação do mundo”, foi dito que se revestissem “de toda a armadura de Deus”, que tomassem “a espada do Espírito” e que orassem “todo o tempo com toda a oração e súplica.” (Ef 6:11,17,18). Os tessalonicenses, cuja eleição era de conhecimento de Paulo, são os cristãos a quem ele rogou, na mesma epístola, para que orassem sem cessar (I Ts 5:17). Os cristãos a quem Pedro se dirige como “eleitos segundo a presciência de Deus Pai”, são os mesmos a quem ele aconselha: "desejai afetosamente, como meninos novamente nascidos, o leite racional" e "sede sóbrios e vigiai em oração." (1 Pe 2:2, 4:7). As evidências desses textos são incontestáveis e esmagadoras. Não perdi tempo em comentá-las. Uma eleição que encoraja os homens a rejeitar os meios da graça, pode até agradar os ignorantes, fanáticos e antinomianos, mas sinto-me na liberdade de dizer que esse tipo de eleição não é encontrada, muito menos mencionada, na Palavra de Deus.

Não tenho como concluir melhor essa parte do texto, a não ser citando a última parte do 17º Artigo da Igreja da Inglaterra. Recomendo aos meus leitores que deem uma atenção especial e particular ao último parágrafo. *“Assim como a pia consideração da Predestinação, e da nossa Eleição em Cristo, é cheia de um doce, suave, e inexplicável conforto para as pessoas devotas, e os que sentem em si mesmos a operação do Espírito de Cristo, mortificando as obras da carne, e seus membros terrenos, e levantando o seu pensamento às coisas altas e celestiais, não só porque muito estabelece e confirma a sua fé na salvação eterna que hão de gozar por meio de Cristo, mas porque veemente acende o seu amor para com Deus; assim para as pessoas curiosas e carnis, destituídas do Espírito de Cristo, o ter de contínuo diante dos seus olhos a sentença da Predestinação de Deus, é um princípio muitíssimo perigoso, por onde o Diabo as arrasta ao desespero, ou a que vivam numa segurança de vida impuríssima, não menos perigosa que a desesperação.*

Além disso devemos receber as promessas de Deus de modo que nos são geralmente propostas nas Escrituras Sagradas; e seguir em nossas

obras a Vontade de Deus, que nos é expressamente declarada na Sua Palavra.”

Essas palavras são sábias. Esse é um discurso perfeito e que não deve ser refutado. Agarremo-nos sem demora ao princípio contido nesse trecho. A Igreja de Cristo teria feito um bem enorme a si mesma, caso sempre tivesse defendido a doutrina da eleição. Os cristãos que se sentem confusos pela perfeição e pela profundidade dessa doutrina tão poderosa, deveriam se lembrar das palavras nas Escrituras que dizem, *"as coisas encobertas pertencem ao senhor nosso Deus, porém as reveladas nos pertencem a nós e a nossos filhos para sempre, para que cumpramos todas as palavras desta lei."* (Dt 29:29).

Concluirei todo esse assunto com algumas palavras para aplicação pessoal.

(1) Primeiro de tudo, peço que nenhum leitor recuse a doutrina da eleição simplesmente por ser intensa, misteriosa e difícil de ser compreendida. Seria respeitoso fazer isso? Será que ao recusá-la, estamos tratando a Palavra de Deus com o devido respeito? É correto rejeitarmos tudo o que foi escrito para o nosso entendimento, unicamente porque alguns homens fizeram mal uso da palavra e a transformaram num propósito ruim? Essas perguntas são sérias e merecem considerações igualmente sérias. Se começarmos a rejeitar a verdade evangélica meramente porque não gostamos dela, então estamos pisando em chão escorregadio e será impossível prever o tamanho de nossa queda.

No final das contas, o que o homem ganha ao recusar a doutrina da eleição? O sistema dos que negam a eleição salva mais almas do que o dos que a defendem? Claro que não. Os que defendem a eleição dificultam o caminho para o céu e tornam a salvação mais árdua do que os que negam essa doutrina? Novamente, não. Os que se opõem à eleição afirmam que ninguém será salvo, a não ser aqueles que se arrependem e creem, mas os que advogam pela eleição dizem justamente a mesma coisa! Os que são contrários à eleição dizem que ninguém irá para o céu, a não ser os santos, mas, novamente, os que advogam pela eleição defendem essa mesma doutrina! O que, então, pergunto mais uma vez, ganhamos ao negarmos a verdade da eleição? Nada. Ainda assim, enquanto nada se ganha, um grande conforto parece se perder. É um conforto muito frio ouvir que Deus nunca pensou em mim, antes que eu me arrependesse e cresse, por outro lado, saber que Deus tinha propósitos de misericórdia para comigo antes mesmo da fundação do mundo e que todo o trabalho da graça – no meu coração – é resultado de uma aliança e uma eleição eterna, é um pensamento cheio de doçura e de consolação inexplicável. Uma obra planejada antes da fundação do mundo, por um arquiteto Todo-Poderoso e

com uma sabedoria perfeita, é uma obra que nunca falhará nem nunca será destruída.

(2) Em segundo lugar, peço que os leitores se aproximem da doutrina da eleição pelo lado correto, a fim de não confundirem suas mentes ao inverter a ordem da verdade. Comece com os primeiros elementos do cristianismo, que são arrependimento e fé no Senhor Jesus Cristo, para, assim, trabalhar no seu caminho rumo à eleição. Não perca seu tempo ao fazer questionamentos sobre sua própria eleição, preocupe-se primeiro em atender às marcas de um homem eleito e não descanse até possuir essas características. Liberte-se de todo o pecado dentro de você e corra a Cristo pedindo por perdão, paz, misericórdia e paz. Chore e clame a Deus em oração, não dê descanso ao Senhor até que você sinta dentro de si mesmo algum indício do Espírito Santo. Aquele que fizer isso, um dia agradecerá a Deus pela graça da eleição, seja na eternidade, seja agora. Esta frase é antiga e bem incomum, mas bem verdadeira: “Um homem precisa, primeiro, ir para o maternal do arrependimento e da fé, antes de entrar na Universidade da Eleição e Predestinação”.

A verdade é esta: o plano salvífico de Deus é como uma escada que desce do céu à terra, a fim de unir Deus Pai à criatura pecaminosa, o homem. Deus está no topo da escada e o homem, na base. Esse topo é bem distante e está fora do campo de visão do pecador, por isso não conseguimos vê-lo. Os propósitos eternos de Deus estão no topo da escada: a aliança eterna, a eleição e a predestinação das pessoas que serão salvas por Cristo. Do topo da escada descem provisões plenas e ricas de misericórdia para pecadores, que a nós nos são reveladas pelo Evangelho.

A base dessa escada está próxima do homem pecador e consiste de degraus de arrependimento e fé. Através deles, o homem deve subir ao topo. Por meio de sua humildade ao usá-los, ele deve subir cada vez mais alto a cada ano que passa e vislumbrar as bênçãos que estão por vir. O que pode ser mais claro do que o dever de usar os degraus tão próximos de nossas mãos? O que pode ser mais tolo do que dizer “não porei meus pés nos degraus da base, até que eu entenda claramente os degraus do topo”? Que esses pensamentos infantis e perversos partam de nossa mente! O senso comum pode nos mostrar o caminho para o dever, mas nem sequer fazemos uso dele. Esse dever é o de usarmos as verdades de forma honesta, para, então, acreditar que verdades maiores ficarão mais claras com o tempo. Talvez sejam muito difícil para nós, reles mortais, compreendermos como e de qual maneira o amor do Deus eterno chega até nós, mas tão claro quanto o sol do meio-dia, nós, pecadores, devemos nos aproximar de Deus. Jesus Cristo está parado bem na nossa frente e dizendo “vinde a mim!”. Não percamos tempo com dúvidas, ninharias e contendas. Assim como estamos, corramos a Cristo, abracemos e acreditemos nessa doutrina!

(3) Em último lugar, peço para que todos os cristãos verdadeiros que leem esse sermão lembrem-se da exortação de Pedro, "*procurai fazer cada vez mais firme a vossa vocação e eleição;*" (2 Pe 1:10).

Você não tem como tornar sua eleição ainda mais segura aos olhos de Deus do que ela já tem sido por toda a eternidade, posto que nele não há incertezas. Nada que Deus faz para o seu povo é deixado à sorte ou sujeito a mudanças. Entretanto, o ponto para o qual desejo que foque toda a sua atenção é que sua eleição pode ficar mais evidente para você e sua igreja. Lute por essa certeza de que, como João afirmou, você conhece a Cristo (I Jo 2:3). Esforce-se para viver nesse mundo de modo que todos saibam que você é um filho de Deus e não duvidem de que você esteja indo para o céu.

Não dê ouvido, em momento algum, àqueles que afirmam não podermos ter certeza, em vida, de nosso estado espiritual e que, por isso, devemos sempre duvidar. Os católicos romanos, os ignorantes e o diabo dizem isso, mas a Bíblia afirma algo completamente diferente. A segurança de ser um eleito de Cristo existe e não devemos, como cristãos, descansar até que a obtenhamos. Não nego que um homem possa ser salvo, mesmo não tendo essa certeza, mas posso afirmar que ele perde um grande privilégio e um enorme conforto.

Lute, portanto, com diligência, para "*fazer cada vez mais firme a vossa vocação e eleição*". "*Deixemos todo o embaraço, e o pecado que tão de perto nos rodeia*" (Hb 12:2). Prepare-se para cortar sua mão direita ou arrancar seu olho direito, se preciso for. Inculque na sua cabeça que é um grande privilégio sabermos, ainda antes de morrermos, que somos um dos filhos de Deus.

Aqueles que brigam por lugares e status nesse mundo, certamente se desapontarão, porque quando tiverem feito de tudo e obtido enorme sucesso, suas honrarias serão insatisfeitas e suas recompensas, curtas em vida. Um dia os assentos no Parlamento e os empregos em escritórios serão desocupados. Na melhor das hipóteses, eles conseguem certa atenção por alguns anos, mas aquele que for um eleito de Deus tem um tesouro que jamais poderá ser tirado dele e um lugar que nunca poderá ser removido. Bem-aventurado é o homem que descansa seu coração nessa eleição. Não há eleição alguma como a Eleição de Deus!

**ORE PARA QUE O ESPIRITIO SANTO USE ESSE SERMÃO
PARA EDIFICAÇÃO DE MUITOS E SALVAÇÃO DE PECA-
DORES.**

FONTE

Traduzido de http://www.tracts.ukgo.com/ryle_election.doc

Todo direito de tradução em português protegido por lei internacional de domínio público

Tradução: Sara de Cerqueira

Revisão: Armando Marcos Pinto

Capa: Victor Silva

Projeto Ryle – Anunciando a verdade Evangélica.

<http://bisporyle.blogspot.com/>

Você tem permissão de livre uso desse material, e é incentivado a distribuí-lo, desde que sem alteração do conteúdo, em parte ou em todo, em qualquer formato: em blogs e sites, ou distribuidores, pede-se somente que cite o site “Projeto Ryle” como fonte, bem como o link do site <http://bisporyle.blogspot.com/> Caso você tenha encontrado esse arquivo em sites de downloads de livros, não se preocupe se é legal ou ilegal, nosso material é para livre uso para divulgação de Cristo e do Evangelho, por qualquer meio adquirido, exceto por venda. É vedada a venda desse material.

John Charles Ryle



John Charles Ryle (10 de maio de 1816 - 10 de junho de 1900) foi o primeiro Bispo de Liverpool da Igreja da Inglaterra. Ryle nasceu em Macclesfield, e foi educado em Eton e em Christ Church, Oxford.

Ele foi um atleta refinado que remava e jogava Cricket pela Oxford, onde ele alcançou um nível de primeira classe em História e Filosofia Greco-Romana tanto antiga quanto moderna e a ele foi oferecido uma comunhão universitária (posição de ensino) que ele declinou. Filho de um rico banqueiro, ele foi destinado para a carreira em política antes de responder ao chamado para o ministério ordenado.

Ele foi espiritualmente despertado em 1838 enquanto ouvia a leitura de Efésios 2 na igreja. Ele foi ordenado pelo Bispo Sumner em Winchester em 1842. Depois de sustentar um pastorado em Exbury, Hampshire, ele tornou-se Reitor (Pastor Presidente) da Igreja de São Thomas, Winchester (1843), Reitor da Igreja de Helmingham, Suffolk (1844), Vigário da Igreja de Stradbroke (1861), Cânon Honorário da Igreja de Norwich (1872), e Deão da Igreja de Salisbury (1880). Contudo, antes de ocupar o último ofício, ele foi avançado para a nova sé de Liverpool, onde ele permaneceu até sua resignação, que tomou lugar três meses antes de sua morte em Lowestoft.

Sua nomeação para Liverpool foi recomendação do Primeiro-Ministro, que estava deixando a Chefia de Governo, Benjamin Disraeli. Foi em 1880, com 64 anos de idade, ele tornou-se o primeiro bispo de Liverpool. Em sua diocese, ele exerceu um ministério de pregação vigoroso e franco, e foi um fiel pastor em seu clericalato, exercendo cuidado particular sobre retiradas de ordenação. Ele formou um fundo de pensão para o clericalato de sua diocese e construiu mais de quarenta igrejas. A despeito da crítica, ele aumentou as cômputas do clericalato antes de construir uma catedral para sua nova diocese.

Ryle combinou sua presença comandante e defesa vigorosa de seus princípios com graciosidade e calor em suas relações pessoais. Muitos trabalhadores e trabalhadoras compareceram às suas reuniões de pregações especiais, e muitos tornaram-se Cristãos. Ryle foi um forte sustentador da Escola evangélica e um crítico do Ritualismo. Ele tornou-se um líder da Ala Evangélica na Igreja da Inglaterra e foi notório por seus ensaios doutrinários e seus escritos polêmicos.